UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE PONTA PORÃ
CIÊNCIAS ECONÔMICAS

Lenes Wincles Martinez

DESIGUALDADE DE GÊNERO NO MERCADO DE TRABALHO: DIAGNÓSTICO COMPOSICIONAL PARA O MATO GROSSO DO SUL E PONTA PORÃ-MS

Ponta Porã - MS
2019

LENES WINCLES MARTINEZ

DESIGUALDADE DE GÊNERO NO MERCADO DE TRABALHO: DIAGNÓSTICO COMPOSICIONAL PARA O MATO GROSSO DO SUL E PONTA PORÃ-MS

Monografia apresentada à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas sob a orientação da Profª. Drª. Laís Fernanda de Azevedo

Ponta Porã - MS

2019

Dedico todo este esforço e sacrifício, primeiramente, a Deus, que me agraciou com vida e saúde, a ele toda Honra e Glória, e finalmente, aos meus pais, professores, e a todos aqueles que direta ou indiretamente fizeram parte desta longa jornada.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus que me permitiu que tudo isso acontecesse, ao longo da minha vida, e não somente nesses anos de universitária, mas que em todos os momentos é o maior mestre que alguém pode conhecer.

A instituição pela oportunidade de fazer esse curso, à todos, meus sinceros agradecimentos, ao corpo docente, direção e administração.

A minha orientadora Prof. Dra. Laís Fernanda de Azevedo pelo empenho dedicado à elaboração deste trabalho, pelo carinho e paciência a mim dedicado, não tenho palavras para agradecer.

Ao professor Milton Batista Fróes (In memorian) pelo carinho e suporte no pouco tempo que lhe coube.

A todos os professores que me proporcionaram o conhecimento, não apenas racional, mais a manifestação do caráter e afetividade da educação no processo da formação profissional, portanto que se dedicaram a mim, não somente por terem me ensinado, mais por terem me feito aprender. A palavra mestre, nunca fará justiça aos professores dedicados aos quais sem nominar terão os meus eternos agradecimentos.

A minha família pelo apoio incondicional, ao meu pai, minhas irmãs, sobrinhos, afilhados ,tios e aos amigos a todos que fizeram parte da minha formação.

E em especial agradeço a minha mãe Gertrudes Vincles Martinez (in memorian) que sempre me incentivou, e é por você que nunca desisti, meu amor eterno.

RESUMO

O presente estudo tem o objetivo de mostrar a situação da mulher no mercado de trabalho do MS e de Ponta Porã, diante do contexto de gênero. De maneira específica, pretende-se fazer uma revisão teórica sobre a questão da desigualdade de gênero, apresentar a história da inserção da mulher no mercado de trabalho e, por fim, fazer uma análise descritiva da composição do mercado de trabalho no MS com enfoque na mulher. A pesquisa bibliográfica desenvolvida pretende mostrar informações acerca da atual situação da mulher no mercado de trabalho no Brasil , bem como trazer informações sobre sua evolução histórica e em geral falar da inserção da mulher no mercado de trabalho, como quais as maiores dificuldades enfrentadas por elas .Os resultados mostram que as mulheres no mercado de trabalho do Brasil, do Mato Grosso do Sul e de Ponta Porã são minoria da força de trabalho e ganham menores salários.

Palavras-chave: Desigualdade de gênero. Mercado de trabalho. Mato Grosso do Sul. Ponta Porã.

ABSTRACT

This study aims to show the situation of women in the labor market of MS and Ponta Porã, in the context of gender. Specifically, it is intended to make a theoretical review on the issue of gender inequality, to present the history of the insertion of women in the labor market and, finally, to make a descriptive analysis of the composition of the labor market in MS focusing on gender. woman. The bibliographic research developed intends to show information about the current situation of women in the labor market in Brazil, as well as to bring information about their historical evolution and in general talk about the insertion of women in the labor market, as what are the biggest difficulties faced by them. The results show that women in the labor market in Brazil, Mato Grosso do Sul and Ponta Porã are a minority of the workforce and earn lower wages.

Keywords: Gender Inequality. Job market. Mato Grosso do Sul. Ponta Porã.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Relação da remuneração mulheres /homens por escolaridade Brasil 2016..... 32
Gráfico 2 – Relação da remuneração mulheres/homens por faixa etária –Brasil 2016..... 33
Gráfico 3 -Relação da remuneração mulheres/homens por grandes grupos ocupacionais Brasil 2016... 33
Gráfico 4 – Distribuição de trabalhadores por gênero e por setor- MS dezembro 2018.....34
Gráfico 5 – Distribuição por gênero e faixa etária - MS dezembro 2018 35
Gráfico 6 – Remuneração Relativa mulher/homem por setor –MS dezembro 2018.....36
Gráfico 7 – Remuneração Relativa mulher/homem faixa etária MS dezembro 2018..... 36
Gráfico 8 - Distribuição de trabalhadores por gênero e setor Ponta Porã MS dezembro 2018.....37
Gráfico 9 - Distribuição por gênero e faixa etária – Ponta Porã MS dezembro 2018.....38
Gráfico 10- Remuneração Relativa mulher/homem por setor – Ponta Porã MS dezembro 2018..... 39
Gráfico 11 – Remuneração Relativa mulher/homem por faixa etária – Ponta Porã MS dezembro 2018.....40

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Gênero por grande do conhecimento nos cursos superiores do Brasil 23
Figura 2 – Distribuição dos acadêmicos por gênero no 50principais cursos de formação no Brasil 201..... 25

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Principais indicadores do mercado de trabalho por sexo Brasil -2012-2017..... 31

LISTA DE ABREVIATURAS

CAGED	Cadastro Geral de Empregados e Desempregados
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.
MS	Mato Grosso do Sul
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
RAIS	Relação Anual de Informações Sociais

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 10
2 A QUESTÃO DE GÊNERO E A DESIGUALDADE: ALGUNS DESDOBRAMENTOS 13
2.1 O que é desigualdade de gênero 13
2.2 A inserção da mulher no mercado de trabalho 15
2.3 As consequências da desigualdade de gênero na vida das mulheres 18
3 PROFISSÃO DE MULHER COMO UMA CONSTRUÇÃO SOCIAL: PROCESSOS E AVANÇOS 20
3.1 Construção Social da Dialética Homem e Mulher 20
3.3 As profissões entre homens e mulheres 22
3.4 A mulher como agente de mudança social a partir de Amartya Sem 27
4. DIAGNÓSTICO COMPOSICIONAL DA MULHER NO MERCADO DE TRABALHO: BRASIL, MATO GROSSO DO SUL E PONTA PORÃ-MS 30
4.1 Panorama geral do Brasil 30
4.2 Mato Grosso do Sul 33
4.3 Ponta Porã 36
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS 40
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 41

1 INTRODUÇÃO

A participação feminina no mercado de trabalho tem sido crescente e notória nos últimos anos, é cada vez maior o espaço ocupado pelas mulheres no mercado, mais ainda não é justa e igualitária, a desigualdade de gêneros ainda existe e é um dos grandes obstáculos a ser vencido pelas mulheres de acordo com dados obtidos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Apesar de terem conquistado mais espaço, as mulheres ainda, tem menos oportunidades no mercado de trabalho que os homens e possuem uma participação maior no serviço familiar não remunerado em comparação com os homens (IBGE)

A questão de gênero é um obstáculo para o espaço da mulher no mercado de trabalho, via de regra, atribuem às mulheres características como fragilidade, instabilidade emocional, enquanto para os homens são destacados o profissionalismo, a capacidade técnica, força física, entre outros (IBGE).

As mulheres fazem parte da maioria da população brasileira, tem maior grau de escolaridade, mas compõe a maior parte de desempregados no país, segundo o IBGE (ANO),outro fato importante é quando considerado cargos de lideranças, as mulheres ocupam apenas 2,8% do total deste cargos. No que se refere à questão salarial, as mulheres brasileiras ganha em média 75% do salário pago aos homens além disso, é que mesmo exercendo profissões remuneradas, ainda continuam sendo a principal responsável pelas tarefas domésticas e educação dos filhos, a chamada dupla jornada de trabalho (IBGE)

O Brasil é um retalho de situações socioeconômicas, dado seu enorme território e sua diversidade cultural, um fato notório, quando se verifica a distinção da economia em suas macrorregiões, as quais possuem diferentes biomas, fato que diversifica sua economia nessas regiões (IBGE). A agropecuária é um elemento de fundamental importância para a economia do Mato Grosso do Sul, pois ela impulsiona o setor industrial e de serviços. A agricultura se baseia no arroz, café, trigo, milho, feijão, mandioca, algodão, amendoim, cana-de-açúcar e, principalmente, soja, produto do qual o estado é um dos maiores produtores do Brasil. a pecuária, Mato Grosso do Sul detém o maior rebanho bovino do país. Atualmente, o estado é o segundo maior exportador de carne bovina do Brasil. Também há rebanhos equinos (cavalos), asininos (burros, jumentos) e muares (mulas). O estado também possui significativas jazidas de ferro, manganês, calcário, mármore e estanho, com destaque para o maciço de Urucum, em que há uma expressiva jazida de minério de ferro e manganês. O estado vem apresentando um intenso processo de industrialização (IBGE)

Assim como no restante do país, as mulheres são maioria entre os sul-mato-grossenses, mas estão em menor proporção no mercado de trabalho formal. Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), em 2017, elas era 40,73% dos trabalhadores contratados no Estado – 255 mil no total. Para o secretário de Meio Ambiente, Desenvolvimento Econômico, Produção e Agricultura Familiar, Jaime Verruck. As mulheres apesar de estarem no processo evolutivo no mercado de trabalho, continuam com salários menores que os homens, e apresentam cargos inferiores a eles mesmo obtendo níveis de escolaridades maior.

No MS o aumento da participação feminina no mercado de trabalho nos últimos anos vem aumentando, os setores que mais empregam é o setor de serviços, que é responsável por 63% dos empregos formais das mulheres, logo depois vem o comércio que emprega cerca de 52 mil mulheres, nesses dois setores houve aumento de 3,75% e 6% respectivamente na contratação de mulheres entre os anos de 2012 e 2017.

De acordo com os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) de 2017, entre servidores dos órgãos públicos de Mato Grosso do Sul, as mulheres representam 54% do setor, com 68.972 profissionais, compondo também a maioria entre os membros de cargos superiores do poder público.

Dentre as atividades que mais se contrata mulheres, estão os comércios varejista de vestuário, acessórios, calçados, padarias, laticínios e mercadorias em geral. Apesar desse avanço, vemos uma diferença grande em relação aos cargos de chefias que na sua maioria são ocupados por homens, e também vem a relação de diferenças de salários, as mulheres mesmo exercendo a mesma função elas ganham menos (CAGED).

Diante disso, este trabalho de monografia tem o objetivo de mostrar a situação da mulher no mercado de trabalho do MS e de Ponta Porã, diante do contexto de gênero. De maneira específica, pretende-se fazer uma revisão teórica sobre a questão da desigualdade de gênero, apresentar a história da inserção da mulher no mercado de trabalho e, por fim, fazer uma análise descritiva da composição do mercado de trabalho no MS com enfoque na mulher.

Para alcançar este objetivo, este trabalho é baseado na abordagem descritiva e quantitativa e pretende-se compreender como se dá a inserção da mulher no mercado de trabalho, reunindo informações da trajetória da participação da mulher no mercado, procurando entender esse espaço que até pouco tempo foi dominado por homens. Por meio da revisão da literatura, buscou-se apresentar a inserção da mulher no mercado de trabalho, com base em livros, artigos, dissertações, teses e dados disponíveis do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) e Pesquisa Nacional por Amostra a Domicilio (PNAD).

Este estudo pode também ser caracterizado como exploratório, pois vai permitir o entendimento especifico da atuação da mulher no mercado no mercado de trabalho no estado de Mato Grosso do Sul.

2 A QUESTÃO DE GÊNERO E A DESIGUALDADE: ALGUNS DESDOBRAMENTOS

Este capítulo trata da desigualdade gênero, da inserção da mulher no mercado de trabalho, sobre as consequências da desigualdade de gênero na vida das mulheres e como isso afeta suas vidas, como elas conseguem vencer essas barreiras que foram impostas a elas desde o nascimento quais as desvantagens que as mulheres tem em relação aos homens no mercado de trabalho.

2.1 O que é desigualdade de gênero

A desigualdade de gênero é um fenômeno social e cultural em que ocorre uma discriminação entre pessoas devido ao seu gênero, basicamente entre homens e mulheres. O seu impacto pode ser notado em diferentes planos: trabalhista, social, familiar, entre outros.

Considerando o contexto histórico da formação das sociedades e relações sociais, a mulher ocupava um papel secundário dentro dos diferentes planos anteriormente citados. A dominação masculina foi naturalizada tornando difícil o rompimento com o pensamento e comportamento que discrimina o sexo feminino como inferior ou incapaz de realizar determinadas atividades Bourdieu (2012, p. 15) confirma esse cenário:

> Como estamos incluídos, como homem ou mulher, no próprio objeto que nos esforçamos por apreender, incorporamos, sob a forma de esquemas inconscientes de percepção e de apreciação, as estruturas históricas da ordem masculina; arriscamo-nos, pois, a recorrer, para pensar a dominação masculina, a modos de pensamento que são eles próprios produto da dominação (BOURDIEU ., p. 15, 2012).

Dentro dos planos familiares, a mulher pode aparecer subordinada ao esposo ou ao pai, sendo apontada como a única responsável pelas atividades domésticas e pelo cuidado das crianças. No âmbito econômico/trabalhista, a mulher recebe salários mais baixos que o homem desempenhado o mesmo cargo de trabalho (IBGE).

Considera-se que as mulheres estão naturalmente mais capacitadas para a vida privada, a maternidade e o cuidado da família enquanto os homens estariam mais dotados para cargos de comando, apesar do índice de escolaridade do gênero feminino ser superior ao índice masculino, as mulheres enfrentam um cenário desfavorável na busca por emprego e na distribuição salarial (IBGE)

O que podemos notar e que o conceito de gênero enquanto categoria social interfere no cotidiano das famílias e das pessoas em geral, pois antes mesmo do seu nascimento já são

criadas expectativas em torno do seu sexo em quanto gênero se vai ser do sexo masculino ou feminino, e assim já são expostas suas fragilidades ou sua virilidade no imaginário familiar e com certeza isso vai acompanhar a sua vida toda.

Por Santos (2005) a diferenciação sexo/gênero entende os sistemas de gênero enquanto mecanismo culturais elaborados para lindar com as diferenças de sexo e questão relativas a produção a produção social e biológica. Sexo seria relacionado com a identidade biológica do homem e da mulher, o gênero relacionado aos aspectos socialmente construídos das diferenças biológicas e sexuais. Esta distinção tem apoio na concepção de que as diferenças biológicas e sexuais formam um substrato fixo sobre o qual são elaboradas as construções sociais de gênero. Porem há os que entendem que as diferenças biológicas sexuais são em alguma medida socialmente construídas e historicamente variáveis. Na medida em que as pessoas identificam determinas características físicas do outro e, através dela classificam os indivíduos.

Relações de gênero são construídas historicamente, sendo fundamental analisar como estão estruturadas as relações sociais, considerando o processo dinâmico dos indivíduos se relacionarem entre si. É no movimento entre as determinações socioestruturais, as conquistas culturais e as iniciativas dos indivíduos em sua singularidade que se definem formas de ser e agir quanto às relações de gênero (SANTOS, 2005). Assim, vão sendo construídos e redefinidos papéis que mulheres e homens assumem na sociedade.

A dimensão da diversidade (gênero, raça, orientação sexual, dentre outras) permite-nos verificar que as mulheres estão inseridas num contexto de desigualdade que, determinado por relações sociais historicamente construídas, coloca-as em situações de subordinação e opressão, advindas, seja por, se apropriarem historicamente de menos poder do que os homens; seja por seu pertencimento a uma classe dominada, alheia à riqueza socialmente produzida ou, seja, ainda, por pertencer a uma raça/etnia historicamente oprimida. Acrescente-se, ainda, a orientação sexual que implica outro recorte na caracterização das formas de opressão e de violação de direitos. No universo do trabalho também prevalecem relações de desigualdade entre homens e mulheres (ANTUNES, 1999).

As relações entre gênero e classe nos permitem constatar que, no universo do mundo produtivo e reprodutivo, vivenciamos também a efetivação de uma construção social sexuada, onde os homens que trabalham são, desde a infância e a escola, diferentemente qualificados e capacitados para ingresso no mundo do trabalho. E o capitalismo tem sabido apropriar – se desigualmente dessa divisão sexual do trabalho.

Esta construção social do que é ser mulher e do que é ser homem se relaciona com o sistema patriarcal, aqui entendido como um sistema de dominação masculina, com constituição

e fundamentação históricas, em que o homem organiza e dirige, majoritariamente, a vida social. Com o aumento da desigualdade social e a intensificação da exploração da classe trabalhadora, aprofunda-se a situação de dominação-exploração sobre a mulher. Assim, podemos afirmar que o sistema do capital articula exploração do trabalho com dominação ideológica e se apropria da lógica e valores do sistema patriarcal.

Para Silva (2004, p. 54), o contexto atual das relações de gênero é composto pela intrínseca relação entre o patriarcado e o capitalismo, sendo que este se apropria das "estruturas simbólicas" e das "condições objetivas" do primeiro, proporcionando a afirmação da "trajetória patriarcal-capitalista do sistema de gênero."

Tomando o patriarcado como indissociável dos mecanismos de dominação-exploração do sistema capitalista, é, pois, impossível trabalhar as dimensões de gênero fora desse contexto. As relações desiguais de gênero se apresentam como objetivação atualizada do patriarcado, enquanto sistema que domina e oprime as mulheres. E foi esse sistema de opressão, vividos pelas mulheres que abriram portas para lutas feminista, e transformações que estão realizando uma nova ordem social.

2.2 A inserção da mulher no mercado de trabalho

A inserção da mulher no mercado de trabalho foi precedido por uma série de movimentos e lutas sociais por direitos iguais aos dos homens, pois desde o princípio do sistema capitalista elas viviam em um isolamento doméstico. Ainda que muitos direitos tenham sido conquistados, a entrada da mulher no mercado formal de trabalho, colaborando com a renda familiar, não significou sua autonomia como sujeito feminino, acarretando uma sobrecarga de trabalho, jornadas duplas de responsabilidades formais e domésticas (SCHLICKMANN, PIZZARRO, 2013)

A história teve início com a primeira e a segunda guerra mundial (1914- 1918- 1939-1945) quando os homens eram obrigados a estar à frente de batalhas, com isso as mulheres passaram a assumir o papel de chefe de família e a posição, do homem no mercado de trabalho. Mais a guerra acabou e com ela a vidas de muito, homens e os que não morrem ficaram impossibilitado de trabalhar, a partir desse momento as mulheres sentiram na obrigação de deixar suas casas e os filhos para levar adiante os projetos e trabalhos levado pelos seus esposos.

Com a Revolução Francesa em 1789, sob influência do iluminismo, ideais de liberdade, igualdade e fraternidade foram espalhados por todo mundo inspirando novas lutas, entre elas à busca por direito das mulheres. De acordo com CARVALHO (2011, p. 147)

> As lutas femininas sempre se basearam no alcance de condições de igualdade, mas a própria organização política era baseada em um modelo masculino e patriarcal de igualdade. Somente após as conquistas dos direitos civis, nos anos 30, as condições de igualdade das mulheres foram legalizadas.(CARVALHO , PAG 147, 2011)

Com essa revolução de pensamento a discriminação de gênero ficou ainda mais evidente, porque a base dos princípios da "liberdade, igualdade e fraternidade" estavam alicerçadas numa concepção de modelo universal de seres humanos, cujas características representam homens de raça branca, os mesmos que compunham a elite dominante e governante (CARVAVALHO, 2011).

A década de 1970 ficou conhecida mundialmente como "A década da mulher" que foi de total importância para as mulheres, foi um espaço conquistado por elas, que ficou conhecido como "Conferências mundiais das nações unidas" nessas conferências se discutia qual papel a mulher representava diante da sociedade, quais estratégias elas buscariam para agregar esse movimento qual alternativa seria melhor para elas seguirem na busca de políticas públicas voltadas para seu movimento. Já na década de 80 surgi os movimentos feministas, esses movimentos foram criados para minimizar as diferenças de gêneros da época aonde as mulheres sofriam muitas opressões e explorações.

> A história do feminismo é dividida em dois períodos a "primeira geração" que vai dos anos de 1920 até 1960, representada basicamente pela igualdade de direitos e movimentos reformistas; e "segunda geração" que teve maior força no final da década de 1960. Nesse período, os movimentos feministas caracterizaram–se por duas correntes: a primeira enraizada pela igualdade dos direitos, preocupadas em eliminar a subordinação e discriminação contra as mulheres, tanto no âmbito privado quanto no público. A segunda caracterizou-se pela tendência a emancipação das mulheres e a sua participação política, sob uma mudança social radical (HERNANDEZ, 2017, p.2)

E foi a partir desses movimentos que as mulheres começaram a ser vista como sujeito coletivo, atuando sempre em coletividade através desse movimento, a mulher passou cada vez mais a lutar por seus direitos, sempre buscando mudar o pensamento da sociedade machista e mostrando para a sociedade que elas também eram cidadã, que tinha deveres e obrigações mais a cima de tudo também

Com o passar dos anos e a consolidação do mercado capitalista no século XIX, foram criadas algumas leis para proteção do trabalho feminino. No entanto não podemos deixar de ressaltar, que a sua inserção no mercado de trabalho vem sendo acompanhada por um grande de discriminação.

Pela visão de Cabral (2012), as mulheres vêm superando muitas discriminações e adaptações com relação as tarefas de casa, a família e zelar pelo bem, estar de ambas. Elas conciliam seu tempo em favor de todos e os seus a fazeres se acumula no decorrer do dia de modo que suas questões profissionais não entrem e conflito com o social e o doméstico.

Um lento, mas consistente processo de transformação da entrada feminina no mercado de trabalho vem sendo percebido a partir da década 80. A mulher em cada período, conquistando novos mercados muito deles inaceitáveis anteriormente e que hoje são visto com naturalidade pelos antigos "machões" (BRUSCHINI, 2012).

Há cada vez mais mulheres ocupando cargos de liderança que no passado pareciam inatingíveis, mas percebemos que para alcançar essas posições as mulheres precisam estudar três vezes mais, trabalhar três vezes mais, e muitas vezes adiar os planos de ter filhos, porque se ela chegar um cargo de lideranças, muitas vezes terá de fazer escolhas, como de assistir a uma apresentação do filho na escola ou ter de ficar até mais tarde na secretaria para entregar relatório tudo isso é levado em consideração pelo empregador na hora de escolher seu funcionário, seja ela mais velha ou mais nova. (DONNA, 2011).

Não há dúvida que a mulher está cada vez mais presente no mercado de trabalho, mas ainda existe muito preconceito, discriminação e desigualdade salarial entre ambos. A luta feminina é uma busca de construir novos valores, nova moral e nova cultura. É uma luta pela democracia, que deve nascer da igualdade entre homens e mulheres e evoluir para a igualdade entre todos os homens, suprimindo as desigualdades de classe (SANTANA, 2012).

As mulheres, além da carreira profissional, tomam o trabalho doméstico como suas responsabilidades. Via de regra, elas dispendem tantas horas no trabalho principal quanto os homens porém, no caso dos domicílios com mais de um indivíduo, ficam responsáveis pelos afazeres de casa. Embora alguns homens trabalhem, o tempo dedicado ao trabalho doméstico por estes é significativamente menor. (PROBST, 2003).

A mulher continua na luta por melhores empregos, melhores salários e buscam igualdade de gênero e isonomia em seus empregos. De acordo com D'ALONSO (2008), a mulher assumiu uma profissão quando ela deixou o espaço privado (ex.: casa) para conquistar o espaço público. Uma destas conquistas foi no setor da Educação. Segundo Bruschini (2007), o ingresso da mulher no mercado de trabalho foi possível, principalmente, pela expansão da escolaridade e pelo ingresso nas universidades.

A trajetória profissional do sexo feminino não aconteceu de forma linear, mas sim por meio de muita luta para vencer os obstáculos existentes em suas carreiras como: conflito entre

carreira profissional e família; a decisão pela maternidade; a dupla jornada; o nível educacional; e o preconceito de gênero, entre muitos outros fatores (BOTELHO, 2008).

De acordo Botelho (2008) existe um estigma a ser superado, aquele da imagem de fragilidade e sexualização do feminino, desse modo, persiste o anseio e a necessidade de desconstrução desde quadro, afinal, antes de serem vistas como mulheres, elas querem e precisam ser contempladas como executivas e profissionais de respeito, reconhecidas por suas capacidades técnicas e gerencias. O autor exemplifica "que ser mulher e executiva é desfrutar de um status que poucas já tingiram" (BOTELHO, 2008, p.120), corroborando a discriminação eminente e persistente.

Segundo Botelho (2008, p. 120) nos fala "que as mulheres trazem contribuições significativas para o novo modelo de paradigma organizacional, um modelo baseado no conhecimento humano". Neste novo contexto de liderança, vem se valorizando características como flexibilidade, intuição, sensibilidade, capacidade de trabalhar em equipe e administrar as diversidades que são atributos mais direcionados ao sexo feminino.

Reforça Botelho (2008) que:

> [...] ser mulher e ser executiva significa percorrer por caminhos ainda muito pouco trilhados. [...] suas trajetórias traduzem suas autorrealizações, pois os sentimentos de orgulho e admiração se mesclam ao olharem para trás e perceberem os caminhos percorridos, as decisões tomadas e os sentimentos vividos em suas trajetórias profissionais (BOTELHO, 2008, p. 126).

É necessário um novo olhar voltado a esta nova esfera profissional feminina: que se sinta e veja as mulheres não como adversárias, e sim como parceiras, que junto com os homens, contribuirão para um crescimento profissional conjunto.

2.3 As consequências da desigualdade de gênero na vida das mulheres

Não há dúvidas de que nos últimos anos a mulher está cada vez mais presente no mercado de trabalho. Este fenômeno mundial tem ocorrido tanto em países desenvolvidos como em desenvolvimento, e o Brasil não é exceção. De acordo com Ministério do Trabalho (2019), nos últimos 10 anos, o número de mulheres no mercado de trabalho formal teve um crescimento de 31,9%, enquanto para os homens foi de 16%. De maneira não surpreendente, este aumento da participação da mulher no mercado de trabalho está acontecendo com muitas dificuldades e a desigualdades de gênero tem sido apontada com umas das maiores dificuldades enfrentas por elas.

Segundo Scott (1989) gênero é um elemento presente nas relações sociais, tomando como base as diferenças entre os sexos e atribuindo, desta forma, significado às relações de poder. É através do poder que as formas das relações se consolidariam e o status quo permaneceria como tal. Para Siqueira (2002), "gênero é uma categoria descritiva e analítica que trata da construção social da diferença entre os sexos" (SIQUEIRA, 2002, p.15). Ainda segundo a autora, gênero é algo que está pautado em costumes históricos de perceber as formas de forma dicotômica (masculino, feminino ou desviante) e há relações de poder implícitas.

De acordo com Guedes (1995) os termos homem e mulher possuem pesos/poderes diferentes. Exemplo disso é a construção linguística que designou o significado social para a mulher – meretriz ou reprodutora. Percebe-se, então, que não há função social fora destas categorias. E mudar esse paradigma, ainda constituiu inúmeros movimentos, mas isto não reflete, necessariamente, na mudança das relações sociais implicitamente presentes no cotidiano e nas práticas institucionais.

Weyl (2011) afirma, por sua vez, que as diferenças físicas entre as pessoas já foram usadas inúmeras vezes, no decorrer da história, para tentar justificar escravidão e genocídios. Tudo o que for característico de um grupo superior será sempre usado como justificativa para sua superioridade e tudo o que for característico de um grupo "inferior" será usado para justificar suas provações. Homens negros eram recrutados para empregos mal pagos por serem, segundo diziam, mais fortes do que os brancos, enquanto as mulheres eram relegadas a empregos mal pagos por serem mais "fracas" (WEYL, 2011, p. 3).

Segundo Eluf apud Pinsky (2011), homens e mulheres são diferentes fisicamente, mas, intelectualmente, são iguais. A igualdade de que tanto se fala diz respeito aos direitos de cada um. E faz muito tempo que o sexo "frágil" vem lutando para ser visto como capaz de manter seu próprio sustento, e alguns, até o sustento de toda família. As mulheres não podem mais ser prejudicadas por serem diferentes biologicamente; as oportunidades precisam ser dadas a todos independentemente do sexo de cada um.

3 PROFISSÃO DE MULHER COMO UMA CONSTRUÇÃO SOCIAL: PROCESSOS E AVANÇOS

Na construção social do dialético homem e mulher, através do sociólogo Pierri Bourdieu, coloca as relações sociais entre homem e mulher está em raizada no modo de pensar e falar e comporta na dominação masculina, aonde as diferenças de homem e mulher parte do princípio biológico diferenças de corpos.

3.1 Construção Social da Dialética Homem e Mulher

Para pensar a questão de gênero é necessário entender como se coloca a dualidade homem e mulher dentro de um contexto da construção social. Mesmo que não trate especificamente do conceito de gênero, Pierre Bourdieu, sociólogo francês, traz à tona uma série de questões de como a relações de sexo sucederam na dominação masculina das relações sociais e como ela está enraizada em nossos modos de pensar, falar e comportar, de modo que a reprodução da ordem social seja mantida e legitimada.

Usando conceitos como o de "violência simbólica" e "poder simbólico", a partir de um estudo etnográfico, o autor nos mostra na obra "A dominação Masculina", como algumas concepções "invisíveis" levam a formação de esquemas de pensamentos irrefletidos, de modo que o julgamento do acontecido seja visto de maneira natural e aceitada. Para Bourdieu (2012) uma relação desigual de poder comporta uma aceitação dos grupos dominados, não sendo necessariamente uma aceitação consciente e deliberada, mas principalmente de submissão pré-reflexiva.

> Todo poder comporta uma dimensão simbólica: ele deve obter dos dominados uma forma de adesão que não repousa sobre a decisão deliberada de uma consciência esclarecida, mas sobre a submissão imediata e pré-reflexiva de corpos socializados. Os dominados aplicam a todas as coisas do mundo e, em particular, às relações de poder nas quais eles estão enredados, às pessoas através das quais estas relações se realizam, portanto também a si mesmos, esquemas de pensamento impensados, os quais - sendo o produto da incorporação dessas relações de poder sob a forma transformada de um conjunto de pares de oposição (alto/baixo, grande/pequeno, etc.) funcionando como categorias de percepção - constroem estas relações de poder do ponto de vista próprio daqueles que aí afirmam sua dominação, fazendo-as parecer como naturais (BOURDIEU, 1995, p. 142).

A maior parte das relações de dominação nós não percebemos. Em todas as esferas, como estado, as instituições, a própria sociedade legitimam e naturalizam diferenças sociais. Para Bourdieu as diferenças entre homens e mulheres partem de um princípio biológico, de

diferenças de corpos, que são usadas de modo a afirmar a virilidade masculina e a dominação da mulher pelo homem. Virilidade para o autor no sentido ético, que significa “conservação e o aumento da honra” (p. 20).

> A diferença biológica entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino, e, especificamente, a diferença anatômica entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros e, principalmente, da divisão social do trabalho. (O corpo e seus movimentos, matrizes de universais que estão submetidos a um trabalho de construção social, não são nem completamente determinados em sua significação, sobretudo sexual, nem totalmente indeterminados, de modo que o simbolismo que lhes é atribuído é, ao mesmo tempo, convencional e "motivado", e assim percebido como quase natural.) Dado o fato de que é o princípio de visão social que constrói a diferença anatômica e que é esta diferença socialmente construída que se torna o fundamento e a caução aparentemente natural da visão social que a alicerça, caímos em uma relação circular que encerra o pensamento na evidência de relações de dominação inscritas ao mesmo tempo na objetividade, sob forma de divisões objetivas, e na subjetividade, sob forma de esquemas cognitivos que, organizados segundo essas divisões, organizam a percepção das divisões objetivas.

Ainda nesse sentido,

> O sexismo é um essencialismo. Como o racismo, de etnia ou de classe, ele visa imputar diferenças sociais historicamente instituídas a uma natureza biológica funcionando como uma essência de onde se deduzem implacavelmente todos os atos da existência. E dentre todas as formas de essencialismo, ele é sem dúvida o mais difícil de se desenraizar. Com efeito, o trabalho visando transformar em natureza um produto arbitrário da história encontra neste caso um fundamento aparente nas aparências do corpo, ao mesmo tempo que nos efeitos bastante reais produzidos, nos corpos e nos cérebros, isto é, na realidade e nas representações da realidade, pelo trabalho milenar de socialização do biológico e de biologização do social que, invertendo a relação entre as causas e os efeitos, faz uma construção social naturalizada (os habitus diferentes produzidos pelas diferentes condições sociais socialmente construídas) aparecer como a justificação natural da representação arbitrária da natureza que está no princípio da realidade e da representação da realidade. (BOURDIEU, 1995, p.145).

Na medida em que “sexo” torna visível o sujeito nas práticas sociais, a categoria gênero permite visualizar as relações entre esses sujeitos, mediadas por significados plurais de feminilidades e masculinidades, ainda predominantemente hierárquicas (MORAES; CRUZ, 2018).

A força da dominação masculina se evidencia pelo fato de que ela dispensa justificação, a visão androcêntrica sempre foi colocada como neutra e como verdade. Para Bourdieu (2010), a ordem social funciona como uma máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sob os aspectos: a) da divisão social do trabalho, onde há uma distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos; b) da estrutura do espaço, opondo lugares de pertencimento como mercado reservados aos homens e a casa às mulheres.

Para Moraes e Cruz (2018, p. 576) essa divisão sexual do trabalho apoia-se em dois grandes pilares: de que há trabalho feminino e masculino e que este último é superior ao primeiro.

> O capital apropriou-se desse contexto de dominação/subordinação que o antecede, e tem reforçado econômica e culturalmente tal situação, com a falta de creche, os salários inferiores, a naturalização ideológica, entre outros mecanismos. A construção cultural que produz significados binários de masculinidade ou feminilidade para cada profissão é constituída nesse imbricamento entre economia e subjetividade, perpassando as instituições sociais, como família ou espaços educativos e religiosos.

Assim sendo, as pessoas que são vítimas da violência simbólica não podem ser libertadas por leis e instituições. Para Bourdieu (1995), as "liberdades" formais, como direito ao voto, a todos os trabalhos, não elimina a violência, porque em todos os ambientes os "dominados" tendem a reproduzir as estruturas das quais são o produto.

3.3 As profissões entre homens e mulheres

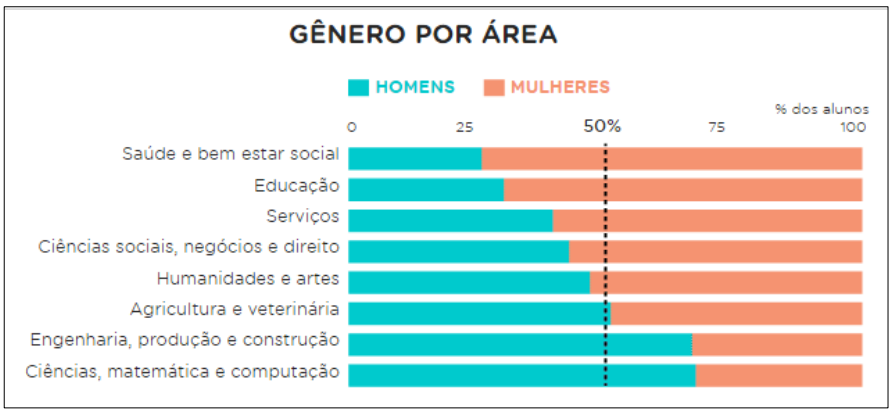
A relação de gênero, afeta nas escolhas profissionais de homens e mulheres? O que podemos perceber é que sim, ainda existem profissões ditas de homem e de mulher, apesar das mulheres estarem quebrando esse paradigma, ainda persistem trabalhados pautados no gênero. No Brasil, apesar de as mulheres representares 60% dos formandos em ensino superior, elas ainda são o menor número nas áreas de ciência (41%) e de engenharia (29,3%) (INEP, 2016).

As relações de gênero podem limitar o leque de opções, tanto para mulheres como para homens, restringindo os campos de atuação conforme o sexo? Partindo do pressuposto de que a naturalização das relações sociais leva as mulheres a procurarem carreiras com caráter humanístico, ligadas ao cuidado, e os homens a procurarem carreiras tecnológicas e científicas, buscou-se analisar o condicionamento de gênero nas perspectivas de cursos superiores de estudantes do ensino médio. (PINTO, 2015).

Na, verdade devemos refletir sobre a segmentação e desigualdade por sexo no processo de escolha de curso superior implica compreender o contexto cultural em que estamos inseridos/as, as influências da socialização na construção de projetos profissionais e a maneira como as pessoas naturalizam as diferenças sociais, já que mulheres e homens são tratados de forma diferente desde o nascimento em função do sexo biológico. É por meio da socialização exercida nos diversos espaços de convívio social que se perpetuam os modos culturais de ser, estar, agir, que adquirimos valores e costumes característicos da nossa cultura e nos integramos

a um grupo social. Se aprendermos por meio da educação/socialização a diferenciar as atitudes femininas das masculinas, os padrões de desigualdade de gênero tenderão a se reproduzir e acabarão influenciando as escolhas de cada uma. (PINTO,2015).

Figura 1 - Gênero por grande do conhecimento nos cursos superiores do Brasil em 2016.



Fonte: INEP (2016). Elaborado por Nexo Jornal (2017)

Para corroborar essa ideia peguemos a segmentação por curso superior no Brasil de acordo Censo da Educação Superior - 2016 (Inep). Por meio da Figura 1 abaixo nota-se que os cursos mais "humanizados" ainda são predominantemente frequentados por mulheres. Já profissões das áreas de exatas, há a preponderância masculina.

A figura 2 a seguir amplia essa visão por curso, engenharia mecânica, por exemplo, é ocupado por cerca de 90% de homens, e não muito distante disse estão os cursos ligados à produção de softwares e programação. Aqueles mais frequentados por mulheres são estética e pedagogia. Esse quadro confirma também a segmentação, ainda predominante, do mercado de trabalho por gênero.

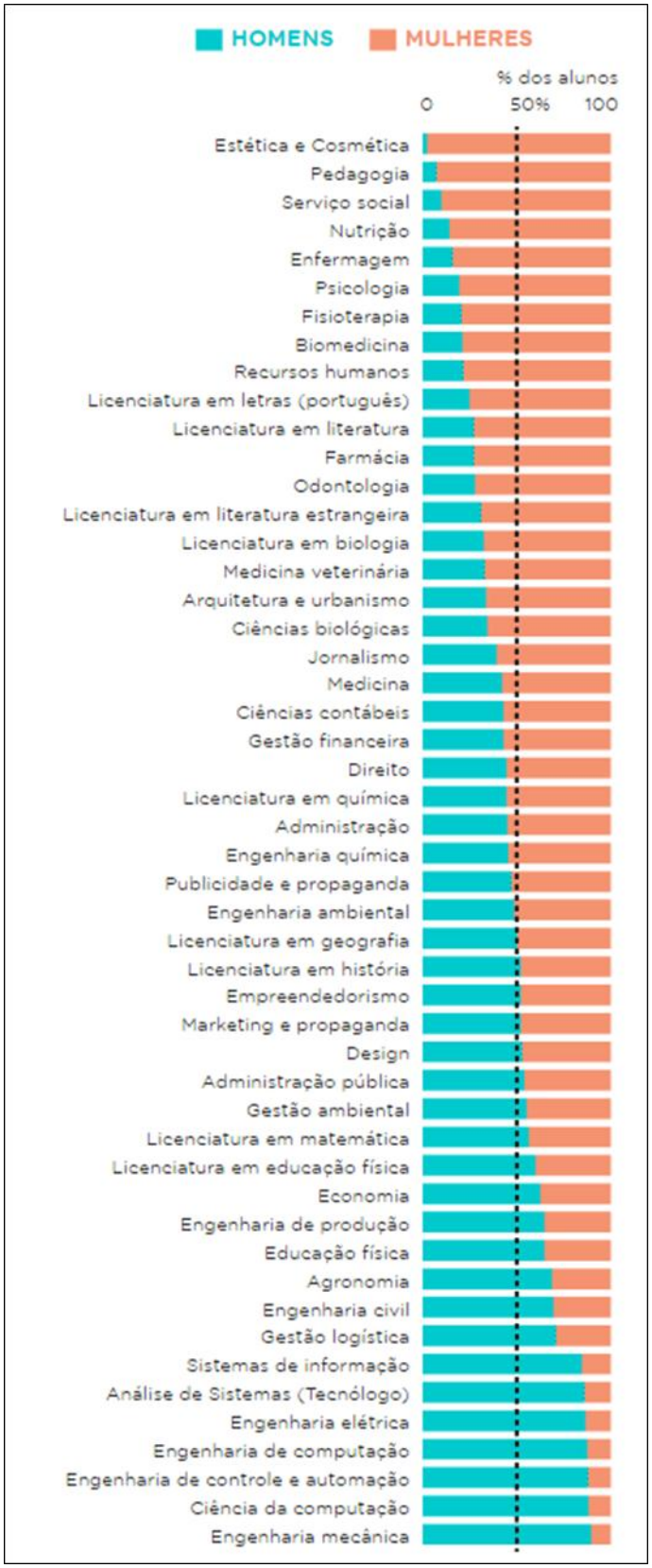
A exemplo da enfermagem, que foi uma das primeiras profissões femininas, e segue com total predominação das mulheres nessa área, a inserção da mulher no mercado de trabalho da saúde, remete à figura feminina como cuidadora do bem estar da família, o que reforça a segmentação do mercado de trabalho por gênero.

Esse fenômeno, por ser uma construção social, como mostrado por Bourdieu, tem raízes difíceis de serem superadas. A forma como as meninas são educadas na infância pode influenciar na escolha da profissão que seguirão na vida adulta. Brincadeiras de menina podem virar profissões de menina, assim como brincadeiras de menino, podem virar profissões de menino.

> O padrão de homens que optam por se matricular em cursos de matemática mais avançados do ensino médio e superior foi bem documentado (Armstrong, 1980; Dossey, Mullis, Lindquist e Chambers, 1988; Fox, Brody e Tobin, 1980; Sells, 1978). Certamente, a eleição antecipada dos cursos diferenciais nos cursos de matemática e ciências do ensino médio poderia efetivamente limitar muitas oportunidades de carreira para jovens talentosas antes mesmo do início do trabalho acadêmico da faculdade. Se a seleção de cursos acadêmicos é determinada em grande parte por experiências de socialização e fatores afetivos / de atitude, os primeiros esforços para incentivar as mulheres a estudar matemática e ciências podem ser eficazes para corrigir a representação desproporcional das mulheres nas áreas de ciência e engenharia (DICKY; RALLIS, 1991, p. 282).

A profissionalização feminina iniciada no final do século XIX aconteceu relacionada aos papéis femininos tradicionais ,ou seja a mulher vinculada ao cuidar, ao educar e o servir entendidos como dom ou vocação (Fonte). Feminilização possui um significado quantitativo, ou seja, refere-se ao aumento do peso relativo do sexo feminino na composição de uma profissão ou ocupação, sua mensuração e análise realizam-se por meio de dados estatísticos. Feminilização denota um significado qualitativo a partir da significância e do valor social de uma profissão ou ocupação, que originaram da feminilização, e foram vinculadas à concepção de gênero predominante em uma época. Para a autora, existe uma relação intensa entre o acesso massivo de mulheres a uma profissão, a ocupação (feminilização) e sua transformação qualitativa (Feminização). À medida que aumenta a presença feminina, diminuem as remunerações, a ocupação passa a ser considerada pouco qualificada e decai o prestígio social da profissão (9-10). O acesso feminino às profissões ligadas ao direito foi mais difícil, pois não se reconheciam aptidões jurídicas nas mulheres. Na França, foi necessária uma lei para autorizar as mulheres a advogarem: Jeanne Chauvin foi a primeira advogada a ser admitida no tribunal de Paris, em 1895. Importante salientar, que em razão de sua prática profissional, as advogadas foram as vedetes nas manifestações feministas do século XX. (Fonte).

Figura 2 - Distribuição dos acadêmicos por gênero nos 50 principais cursos de formação no Brasil (2016)



Fonte: INEP (2016). Elaborado por Nexo Jornal (2017)

No entanto, existe um processo de inserção da mulher em profissões antes tidas como masculina, como no caso do Brasil a engenharia de produção, engenharia civil e agronomia. Mesmo que longe de uma equidade, pode-se perceber esse movimento de inserção. Para Moraes e Cruz (2018, p. 581):

> O espaço que as mulheres vêm ocupando no ensino superior e em profissões reconhecidas social e historicamente como masculinas permite, a elas, colocarem-se em outra dimensão nas relações de poder-subordinação, oportunizando a criação de formas de ser e estar em suas profissões, de modo contrário aos preceitos da divisão sexual do trabalho já instituída predominantemente. Estas identidades profissionais, que começam a ser construídas ainda durante o período como estudantes de graduação, são relacionais, o que implica afirmar que os homens estudantes também são conformados nestas mesmas interações e constituem, ali, suas masculinidades para o exercício de poder fora da universidade.

Dick e Rallis (1991) mostram que há uma importância significativa do educadores na escolha das profissões, ao passo que mudanças na condução da educação, tanto por parte da família como dos professores da primeira educação podem abrir um leque maior de escolha baseado na aptidão e não nas influencias (invisíveis) sociais que impõem um direcionamento segmentado.

> Os socializadores não apenas podem exercer influência sobre o aluno por meio de suas atitudes e expectativas, mas também podem proporcionar experiências ao aluno e influenciar a maneira como os alunos interpretam essas experiências. A influência não é de mão única, porque as experiências de um aluno também são moldadas por suas próprias aptidões, e as aptidões e experiências do aluno podem moldar as atitudes e expectativas dos socializadores para o aluno. Finalmente, os estudantes e seus socializadores vivem em um ambiente cultural. A cultura circundante ajuda a moldar as atitudes e expectativas dos socializadores, as percepções dos alunos sobre eles e as crenças dos alunos sobre os valores da carreira (DICKY, RALLIS, p. 283)

Mesmo com as mudanças no rumo da carreira de algumas mulheres, os desafios se mostram enormes. A pesquisa de Moraes e Cruz (2018) busca mostrar como o aumento do ingresso das mulheres nas engenharias exige contínuo enfrentamento das estudantes, que expressam estratégias de empoderamento contraditoriamente acompanhadas de atributos sustentados em binarismos de gênero. Colhendo depoimentos de mulheres nos cursos de engenharia, concluíram que a inserção da mulheres em áreas tradicionalmente masculinas implicam um movimento de subversão, de contínuo enfrentamento e questionamento das bases ali colocadas. “O sexismo apresenta-se sob a forma de pressão em sala, com ironias e outras atitudes que diminuem as mulheres” (p.595). Assim sendo, a inserção da mulher no mercado

de trabalho, vem acompanhado com outros desafios na busca da igualdade, desde poder exercer qualquer profissão, isonomia, até a equidade de salários.

3.4 A mulher como agente de mudança social a partir de Amartya Sen

A teoria das capacitações de Amartya Sen surgiu a partir de questionamentos na forma de entender e conceber o bem estar comumente utilizado pela visão utilitarista. Sua teoria consiste em um amplo modelo para a análise de arranjos sociais, bem-estar, qualidade de vida, padrões de vida, desigualdade, pobreza, justiça e para o desenho e a avaliação de políticas e propostas de mudança social (PORSSE et al., 2014).

Resumidamente, a abordagem das capacitações coloca em voga a real habilidade e possibilidade de um indivíduo alcançar aquilo que ele realmente precisa. A ideia é que o êxito de uma sociedade deve ser avaliado segundo as "liberdades" dispostas às seus cidadãos. A questão da liberdade aqui pode ser melhor aproximada num sentido de que as oportunidades, ou a falta delas, não impliquem em barreiras para se alcançar e realizar seus objetivos. Nessa direção existe a condição de agente do indivíduo, como aquele capaz de provocar mudanças.

> O conjunto de capacidades representa a liberdade pessoal de realizar várias combinações de efetivações. Se a liberdade é intrínsecamente importante, as combinações disponíveis para a escolha são todas relevantes para se avaliar o que é vantajoso para uma pessoa, mesmo que ele ou ela escolha apenas uma alternativa. Nessa perspectiva, a escolha é, em si mesma, uma característica valiosa da vida de uma pessoa (SEN, 1993, p. 319).

Sen atribui às mulheres a condição de agente, no sentido de que a educação e o emprego fortalece sua autonomia e aumenta seu poder de voz dentro e fora da família, o que permite sua inclusão em debates que foram excluídas. O aspecto da condição de agente é importante para avaliar o que a pessoa pode fazer de acordo com a sua concepção de bem e com a sua responsabilidade como agente. Porém, Sen (1993, p. 331), destaca como é difícil avaliar as desigualdades de gênero, pois ela possui inúmeras faces.

> Um campo no qual as desigualdades são particularmente difíceis de avaliar é o das diferenças de gênero. Dispomos de muitas evidências gerais de que freqüentemente as mulheres estão em muito pior situação que os homens, e que as meninas sofrem de muito mais privação do que os meninos. Essas diferenças aparecem de várias maneiras, algumas sutis, outras grosseiras, e em várias de suas formas podem ser observadas em diversas partes do mundo, tanto em países ricos como pobres. Não é fácil, contudo, decidir qual é o melhor indicador de melhorias em termos das quais essas diferenças de gênero devem ser examinadas. Certamente não há necessidade de utilizar apenas uma métrica; a necessidade de uma pluralidade de indicadores é tão forte aqui quanto em outros campos. Mesmo assim, permanece a questão de escolher

> um enfoque do bem-estar e da melhoria na avaliação das desigualdades entre os homens e as mulheres.

O fato da mulher ser uma agente de mudança não diminui os problemas que elas enfrentam, a exemplo dos tratamentos desiguais que arruínam o bem estar feminino. A sociedade tem de compreender que o papel da condição de agente é essencial para reconhecer os indivíduos como pessoas responsáveis, o modo de pensar e agir de mulheres e homens tem que ser visto com muita responsabilidade, pois isso pode ter implicações rigorosas, seja para análise social, seja para o raciocínio e ação práticas.

> De fato, há desigualdades entre homens e mulheres em termos de efetivações, e no contexto de países em desenvolvimento o contraste pode ser agudo mesmo em questões básicas de vida e morte, saúde e doença, educação e analfabetismo. Por exemplo: a despeito do fato de que, quando homens e mulheres têm um tratamento razoavelmente igual em termos de alimentação e cuidados de saúde (tal como tende a ocorrer em países ricos, onde podem permanecer, não obstante, diferenças de gênero em esferas menos elementares), as mulheres parecem exibir maior capacidade de sobrevivência que os homens, na maioria dos países em desenvolvimento os homens são muito mais numerosos que as mulheres. [...] Tanto do ponto de vista do estudo da situação real como do estudo das influências causais que geram desigualdades de gênero, esses contrastes regionais podem ser particularmente importantes (SEN, 1993, p. 332).

As privações sofridas pelas as mulheres estavam e estão presentes no mundo todo. Por exemplo, o alto número de mortalidade sofridas pelas mulheres na África e na Ásia, aonde foram mortas em consequência de uma parcialidade por um dos sexos na distribuição de cuidados de saúde e outras necessidades (SEN, 2010).

A condição de agente ativa das mulheres tem um impacto muito grande na vida de todos as pessoas. Ao se colocar no mercado de trabalho, ser alfabetizada , buscar seus direitos e prosperidade, elas transformam o ambiente onde estão inseridas e trazem maior liberdade para as próximas gerações. Dessa forma, podem influenciar diretamente a melhora da sobrevivência das crianças e contribuir para a redução das taxas de fecundidade. A participação e as lideranças política, econômica e social das mulheres têm-se mostrado um aspecto crucial do desenvolvimento como liberdade (SEN, 2010).

> A educação da mulher libera-a da dependência econômica dos homens, leva-a a ganhar independência e acesso à informação e a fazer sua voz ser ouvida na família. Desse modo, a ação política precisa tratar de questões de desigualdade social que podem ser combatidas por meio da redistribuição da educação básica. A alfabetização é uma ferramenta essencial para autodefesa numa sociedade e é também um catalisador de mudança social. Os autores citados exemplificam que uma pessoa analfabeta é, significantemente, menos equipada para participar com sucesso na economia e na sociedade moderna, assim como para se defender em um tribunal, para obter um empréstimo no banco, para fazer cumprir seus direitos de herança, para tirar

> vantagem de novas tecnologias, para solicitar o Seguro-Desemprego, para fazer parte de uma atividade política e até mesmo para pegar o ônibus certo para ir ao lugar que deseja (PORSSE et al. 2014, p.275)

O trabalho para a mulher pode tem efeitos educativos, assim ele aumenta a eficácia da sua condição de agente e assim ela também se torna mais poderosa nas decisões familiares. Sen (2010) destaca que a independência econômica de uma mulher e a emancipação social pode ter um grande impacto sobre os princípios que governa as divisões dentro da família, e claro na sociedade, e pode influenciar o que é implicitamente aceito como pertencente às mulheres. Esse empoderamento ajuda a difundir os conhecimentos, de tal forma que também pode influenciar no planejamento familiar, na redução da violência e na promoção do bem-estar social (PORSSE et al., 2014).

> Há muitas provas de que, quando conseguem as oportunidades que em geral são reservadas aos homens ,as mulheres saem-se tão bem quanto eles no aproveitamento desses recursos – que, ao longo dos séculos ,os homens têm alegado serem só seus .Acontece que, em muitos países em desenvolvimento, as oportunidades nos níveis políticos mais elevado puseram-se ao alcance das mulheres apenas em circunstância muitos especiais – com frequência relacionadas a morte de seus mais bem estabelecidos maridos ou pais- ,mas essas chances invariavelmente foram aproveitadas com grande vigor. Embora a história recente do papel da mulher das mulheres em posições supremas de liderança no Siri Lanka ,na Índia ,em Bangladesh, no Paquistão, na Birmânia ou na Indonésia possa ser amplamente reconhecida, é preciso atentar melhor para o papel que as mulheres têm podido desempenhar –dada a oportunidade – em níveis diversos de atividades política e iniciativas sociais.(SEN, 2010, p 232).

O que podemos entender sobre isso é que homens e mulheres tem o seu papel fundamental na família, a mulher para auferir uma renda independente, trabalhar fora de casa receber instrução, possuir bens, tudo isso tem uma influência no poder e na condição independente de agente das mulheres, quanto mais independente a mulher for mais espaço na família e na sociedade ela vai conquistar ,a contribuição da mulher para a prosperidade é mais visível quando ela trabalha e recebe um salário, ela vai ter mais liberdade para não sofrer fome, doença e privação relativa (SEN,2010).

O contraponto entre a alfabetização feminina e a fecundidade, pode ser observada pelo fato de mulheres mais instruídas exercerem um poder maior nas decisões familiares e como consequência decidirem adiar a gravidez para que possam se se dedicar mais a seus estudos e isso faz que a taxa de fecundidade seja reduzida (SEN, 2010).

Contudo, a condição de agente das mulheres é um dos principais mediadores da mudança econômica e social a sua determinação e consequências relacionam estreitamente a muitas das características centrais do processo de desenvolvimento.

4. DIAGNÓSTICO COMPOSICIONAL DA MULHER NO MERCADO DE TRABALHO: BRASIL, MATO GROSSO DO SUL E PONTA PORÃ –MS

Neste capítulo faremos um breve panorama geral da participação feminina no mercado de trabalho no Brasil, no estado do Mato Grosso do Sul e também na cidade de Ponta Porã. Mostraremos através de gráficos a situação geral da mulher no mercado de trabalho, como está sua remuneração em relação as homens, qual atividade revela a sua maior participação, qual setor ela mais se destaca.

4.1 Panorama geral do Brasil

De acordo com dados do IBGE (2018) nos últimos 10 anos, o número de mulheres no mercado formal teve um crescimento 31,9%, já para os homens o aumento foi só de 16%, o que podemos notar é que mulheres vem em um crescimento constante, e está cada vez mais buscando se qualificar para conseguir uma melhor colocação no mercado de trabalho.

Tabela 1. Principais indicadores do mercado de trabalho por sexo, Brasil - 2012-2017

	2002		2017	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Taxa de Participação	73,00%	50,70%	72,00%	52,50%
Nível de Ocupação	68,80%	46,40%	64,50%	45,40%
Taxa de Desocupação	5,70%	8,40%	10,50%	13,40%

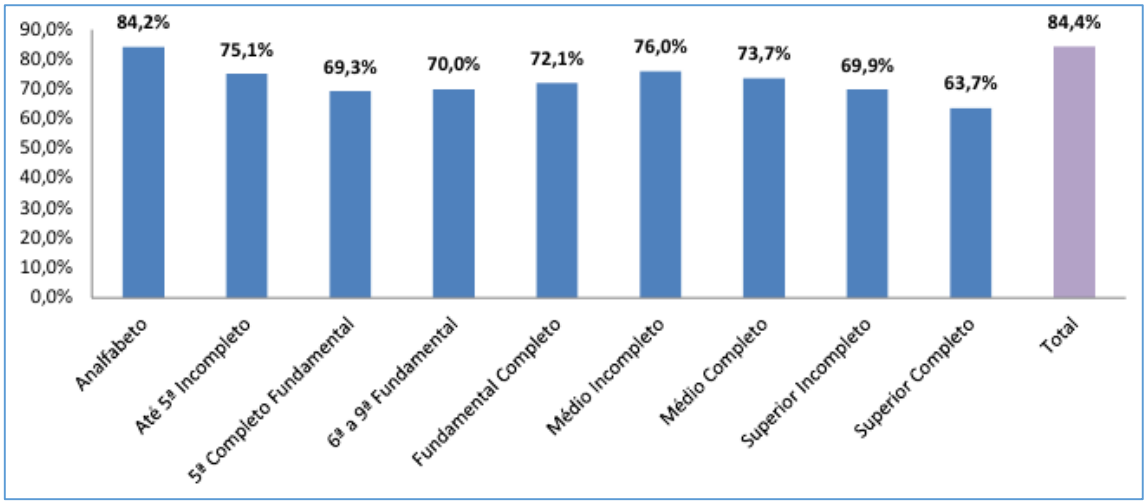
Fonte: IBGE (2017). Elaboração própria

De acordo com dados do IBGE de 2002 a 2017 o desemprego aumentou tanto para o homem quanto para as mulheres.

No ano 2016, as mulheres ganhavam, na média, 84% da remuneração dos homens, as mulheres, apesar de na média terem mais anos de estudo, ainda apresentam remuneração menor que os homens, independente do grau de instrução. Porém, quando consideramos aqueles com grau de escolaridade “superior completo” a diferença é a maior verificada, as mulheres ganham em média 63,7% dos salários dos homens. Conforme o gráfico a seguir.

Quando falamos em grau de instrução, observa-se um percentual maior de mulheres com nível superior completo (28,7%), quando comparamos com os homens (15,7%). A maioria das mulheres no mercado de trabalho formal possuía o Ensino médio completo (47,4%), cenário que se repete para os homens (47,7%).

Gráfico 1. Relação da remuneração mulheres/homens por escolaridade, Brasil - 2016

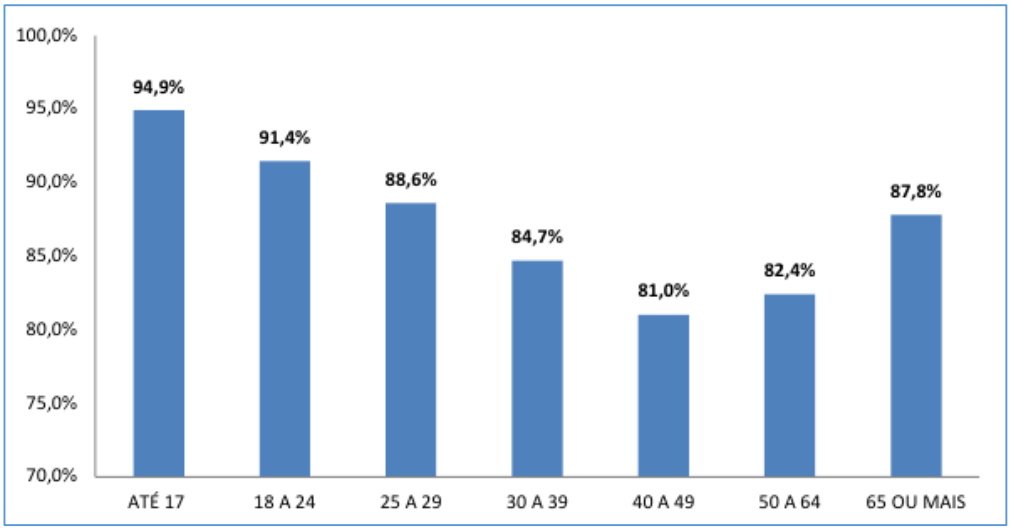


Fonte: IBGE (2017). Elaborado por IBGE.

Quando consideramos o mesmo grau de escolaridade, as mulheres recebem salários inferiores para qualquer grau de instrução. A menor diferença encontra-se para aqueles que são analfabetos, onde as mulheres recebem cerca de 84,2% dos salários dos homens, muito disso pode ser explicado pelo próprio mercado de trabalho que absorve os trabalhadores sem escolaridade, pois o parâmetro é o salário mínimo. Porém, considerando a escolaridade "superior completo" é onde o diferencial de salário é maior, as mulheres recebem 63,7% dos salários dos homens.

Em relação à faixa etária, observa-se que tanto para mulheres quanto para homens, a concentração está na faixa dos 30 a 39 anos, seguida pela faixa dos 40 aos 49 anos. Essas faixas etárias são consideradas as idades de maior atividade entre os indivíduos e é justamente aqui que se encontra a maior diferenciação salarial. Conforme o gráfico 2 a seguir.

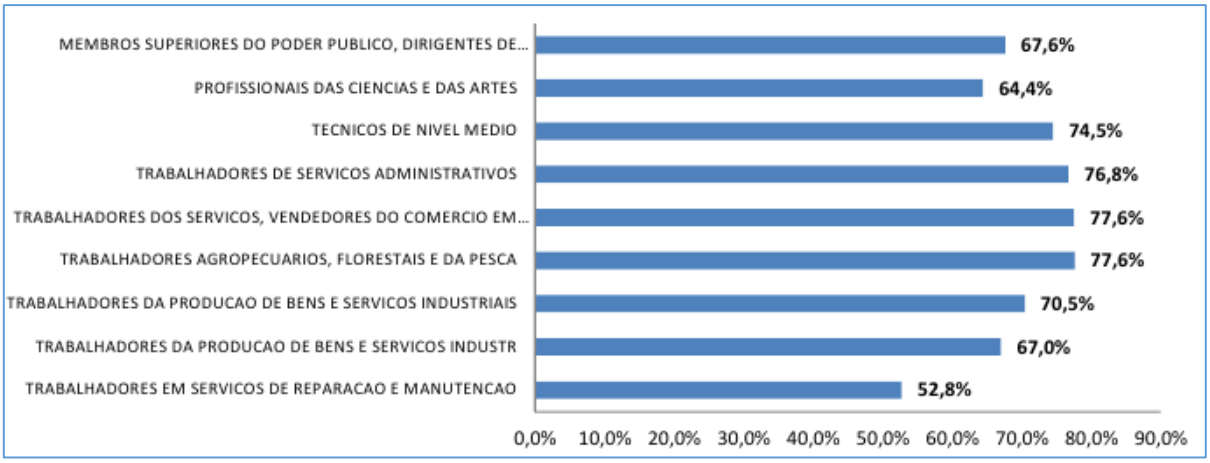
Gráfico 2. Relação da remuneração mulheres/homens por faixa etária Brasil - 2016



Fonte: IBGE (2017). Elaborado por IBGE

De 2007 a 2016, houve um aumento de 55% no número de mulheres que ocupavam cargos de direção, mais o entanto, as diferenças salariais permanecem, inclusive dentro do mesmo grupo ocupacional. Em 2015, as mulheres em cargos de direção ganhavam em média 67,6% da remuneração dos homens empregados no mesmo grupo ocupacional. O maior grau de discriminação dos salários está no setor de serviços e manutenção, onde recebem 52,8% dos salários dos homens, conforme o gráfico 3.

Gráfico 3. Relação da remuneração mulheres/homens por grandes grupos ocupacionais, Brasil - 2015



Fonte: IBGE (2017). Elaborado por IBGE

A análise do mercado de trabalho formal por setor de atividade revela que a participação feminina está concentrada no setor de serviços (40,3%), administração pública (25,7%) e comércio (20,1%). Já construção civil, serviços industriais de utilidade pública e extrativa mineral são setores com menor concentração de mão-de-obra feminino.

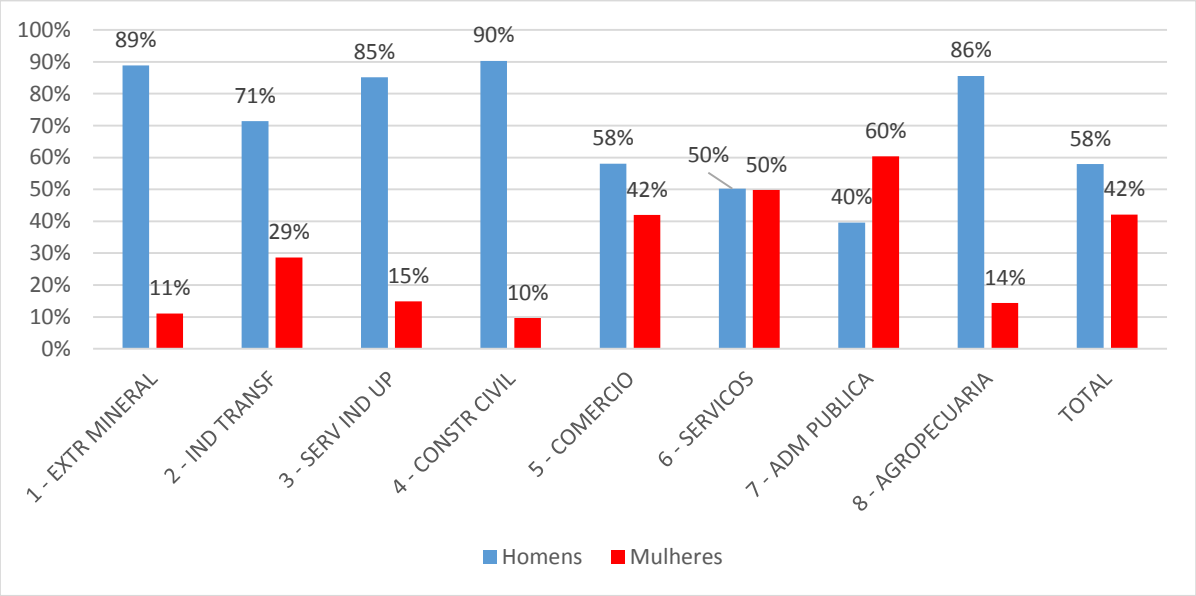
No que se refere à distribuição percentual do estoque de trabalhadores por grandes grupos ocupacionais, as mulheres estão concentradas em ocupações relacionadas à prestação de serviços, vendedores do comércio em lojas e mercado (27,3%) e serviços administrativos (26,9%).

Em 2016, 5,3% das mulheres estavam empregadas em cargos de direção no mercado de trabalho formal (membros superiores do poder público, dirigentes de organizações de interesse público e de empresas, gerentes)

4.2 Mato Grosso do Sul

No estado do Mato Grosso do Sul, o cenário de discriminação de gênero no mercado de trabalho não é diferente do Brasil.

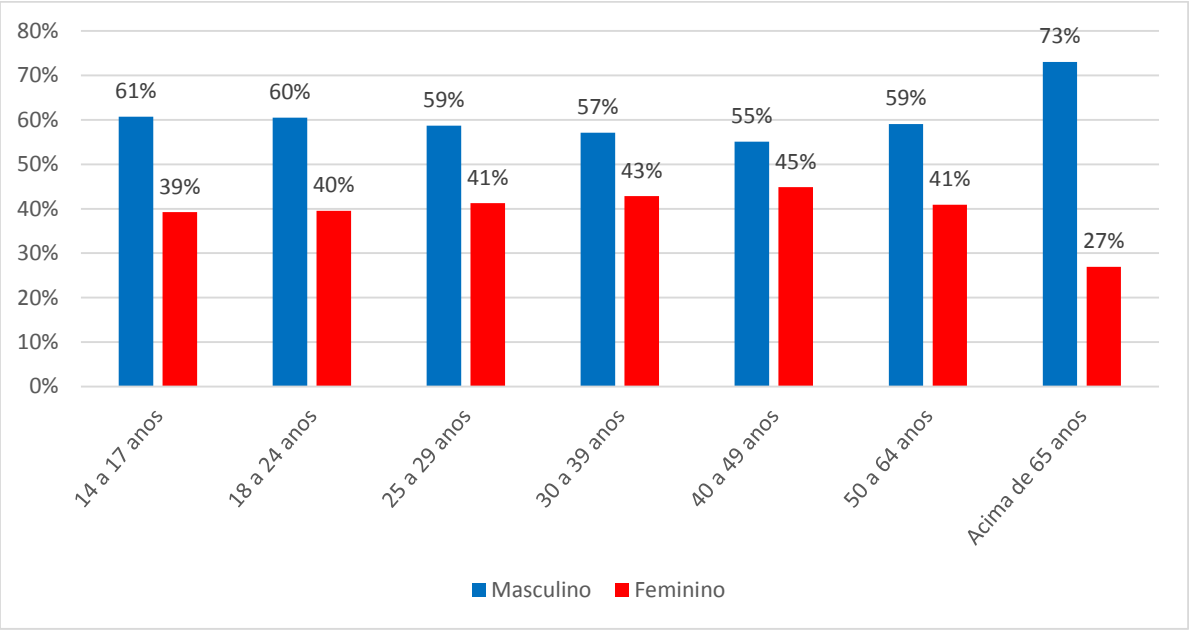
Gráfico 4 – Distribuição de trabalhadores por gênero por setor – MS em dezembro 2018



Fonte RAIS/CAGED. Elaboração Própria.

O gráfico 4 mostra, como é a distribuição de gênero por setor no MS. Nota-se, que homens mantém uma predominância em praticamente em todos os setores, exceto no setor de ADM Públicas, aonde verificamos que as mulheres tem um maior percentual que os homens. As maiores diferenças estão nos setores da Construção civil (90%) para os homens e (10%) para as mulheres e no setor da agropecuária (86%) para as mulheres (14%).

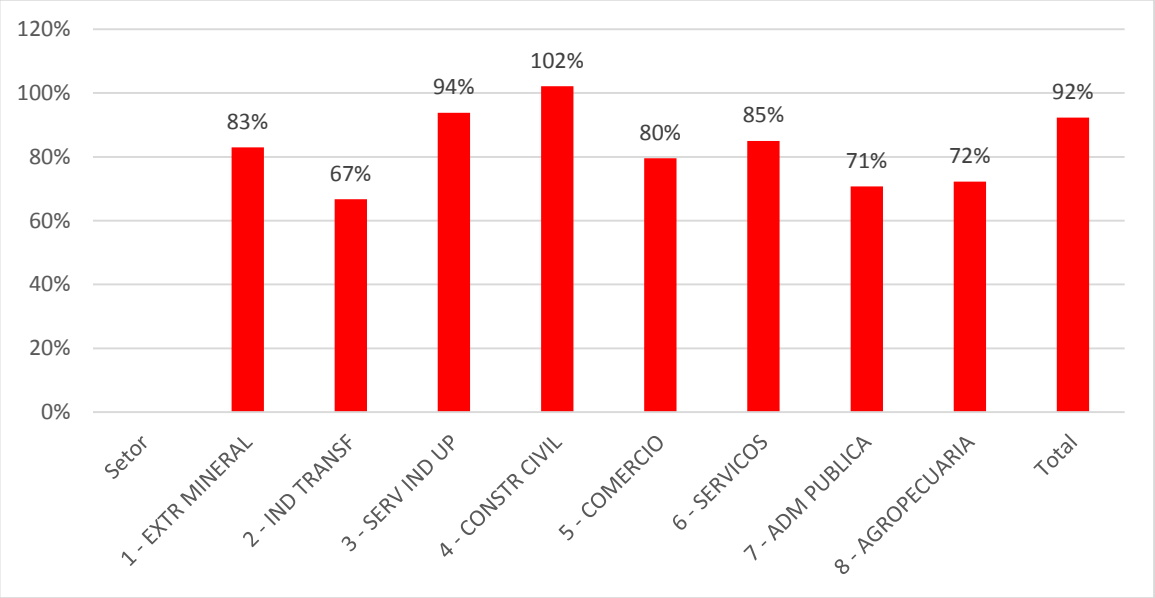
Gráfico 5. Distribuição de trabalhadores por gênero e faixa etária – MS em dezembro de 2018



Fonte RAIS/CAGED. Elaboração Própria.

O gráfico 5 mostra a distribuição dos trabalhadores por faixa etária. Os homens sempre são a maioria da mão de obra empregada, em todas as idades.

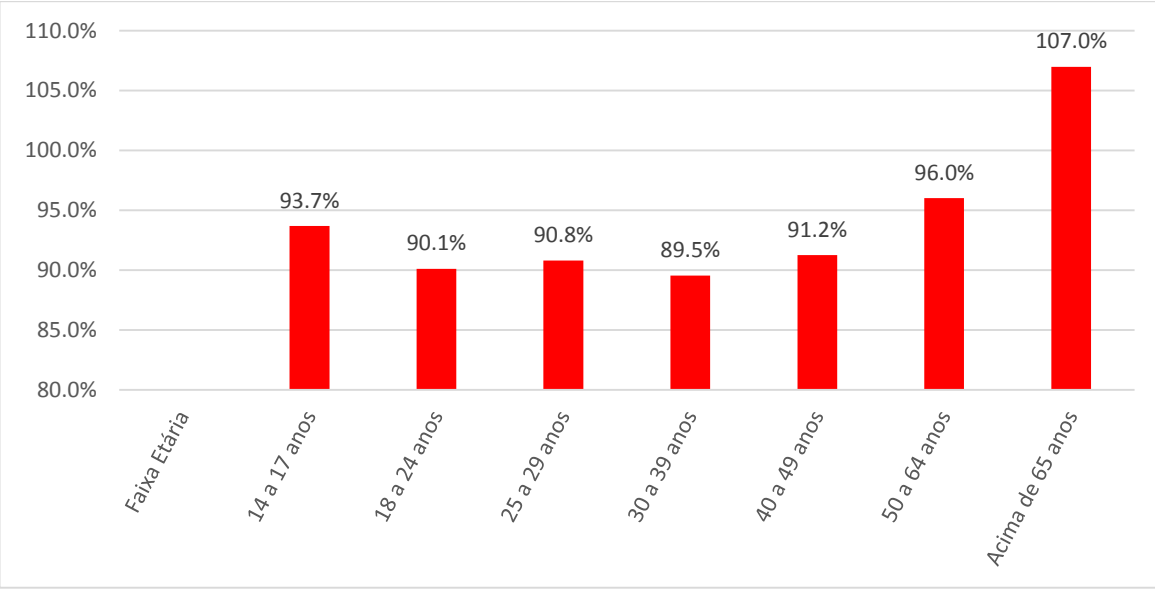
Gráfico 6. Remuneração Relativa mulher/homem por setor - MS em dezembro de 2018



Fonte RAIS/CAGED. Elaboração Própria.

Quanto a remuneração, em média, considerando todos os setores a mulher recebe cerca de 92% dos salários dos homens. O gráfico 6 acima mostra os salários relativos por gênero e por setor. O ponto que mais chama a atenção é que na construção civil, a mulher tem um ganho de 2% maior que o homem, apesar desse percentual ser pequeno, é um avanço no mercado de trabalho.

Gráfico 7. Remuneração Relativa mulher/homem por faixa etária - MS em dezembro de 2018



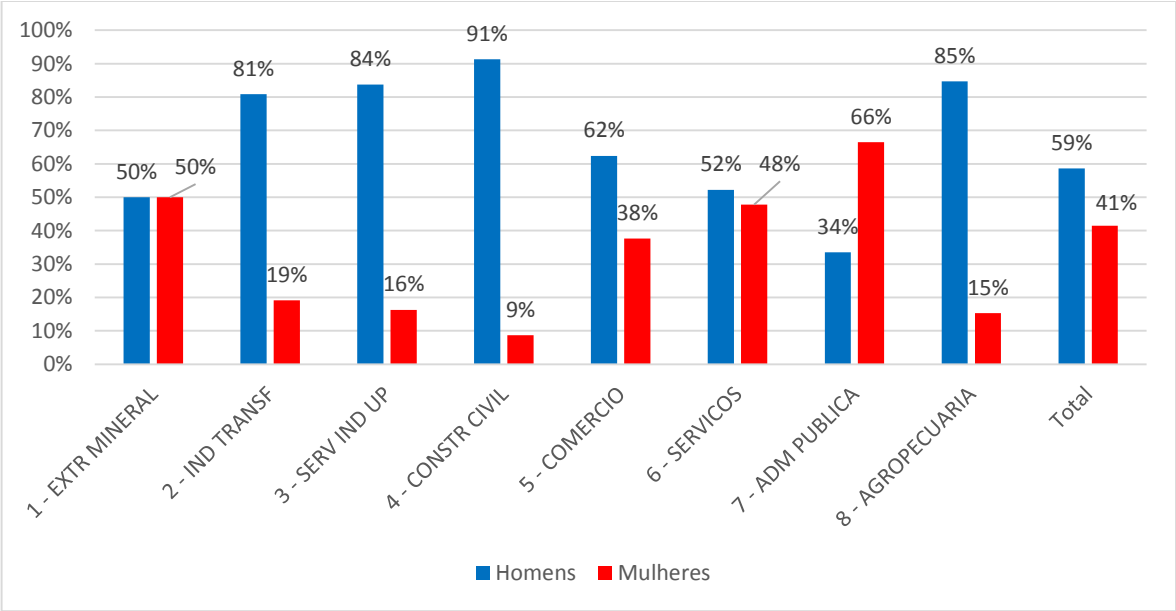
Fonte RAIS/CAGED. Elaboração Própria.

O gráfico 7 mostra que, na média, a mulher recebe uma remuneração menor em relação ao homem, porém, percebemos que, acima dos 65 anos, a mulher recebe uma remuneração maior que a do homem, o que pode ser explicada pelas aposentadorias mais elevadas ou acumuladas.

4.3 Ponta Porã

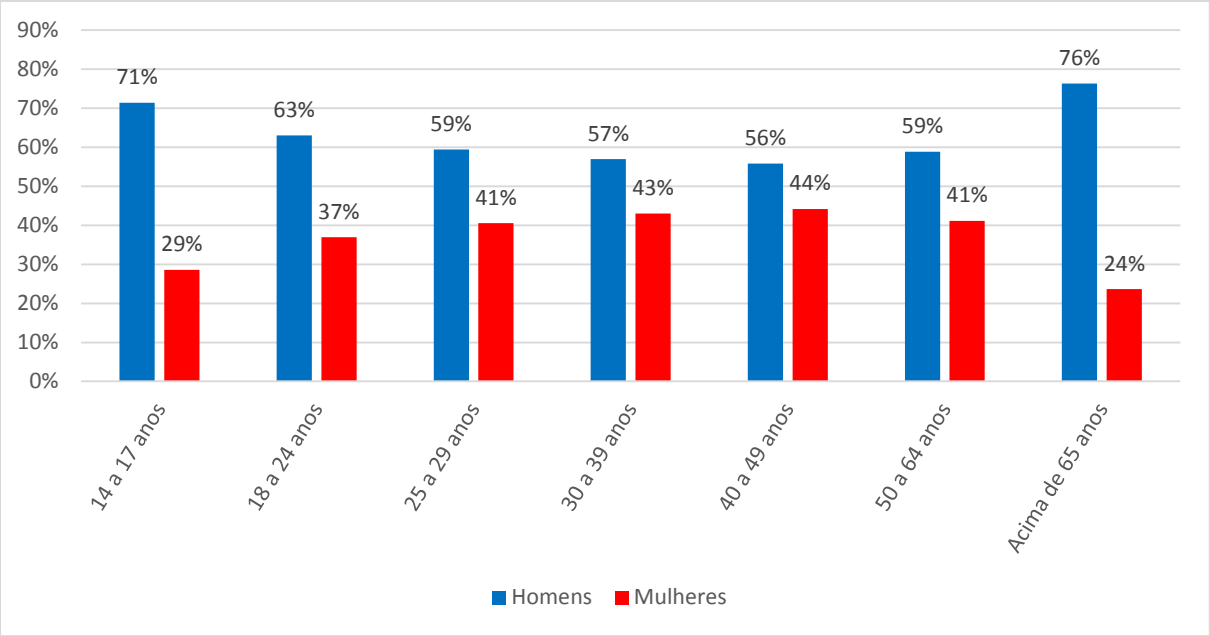
Em Ponta Porã, com exceção da Administração Pública o homem é maioria no mercado de trabalho em praticamente todos os setores (Gráfico 8). A construção Civil e a Agropecuária são os setores que mais concentram mão de obra masculina 91% e 85% respectivamente.

Gráfico 8 – Distribuição de trabalhadores por gênero e por setor – Ponta Porã em dezembro 2018



Fonte RAIS/CAGED. Elaboração Própria.

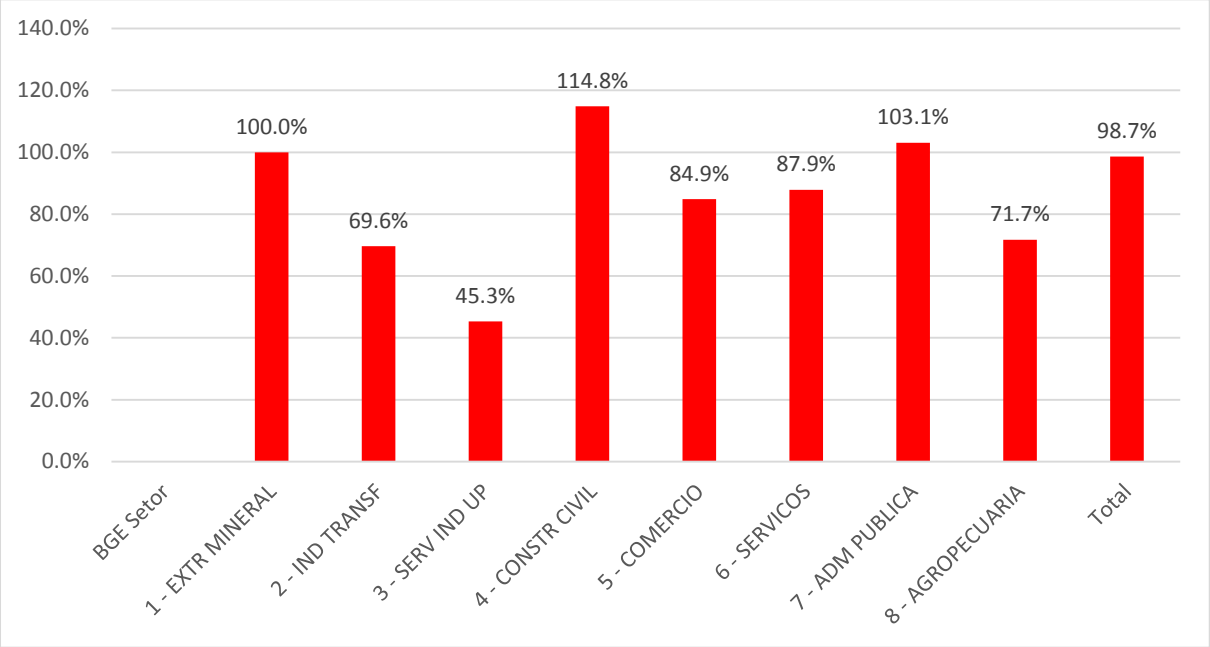
Gráfico 9. Distribuição por gênero e faixa etária– Ponta Porã- MS em dezembro de 2018



Fonte RAIS/CAGED. Elaboração Própria.

Seguindo a mesma lógica o gráfico 9, mostra a distribuição dos trabalhadores por gênero e faixa etária. O sexo masculino obteve um maior percentual de empregabilidade em todas as faixas etárias descritas no gráfico, em relação as mulheres. O maior percentual de diferença entre homens e mulheres foi encontrada na faixa etária acima 65 anos e a menor diferença foi verificada na faixa etária de 30 a 39 anos.

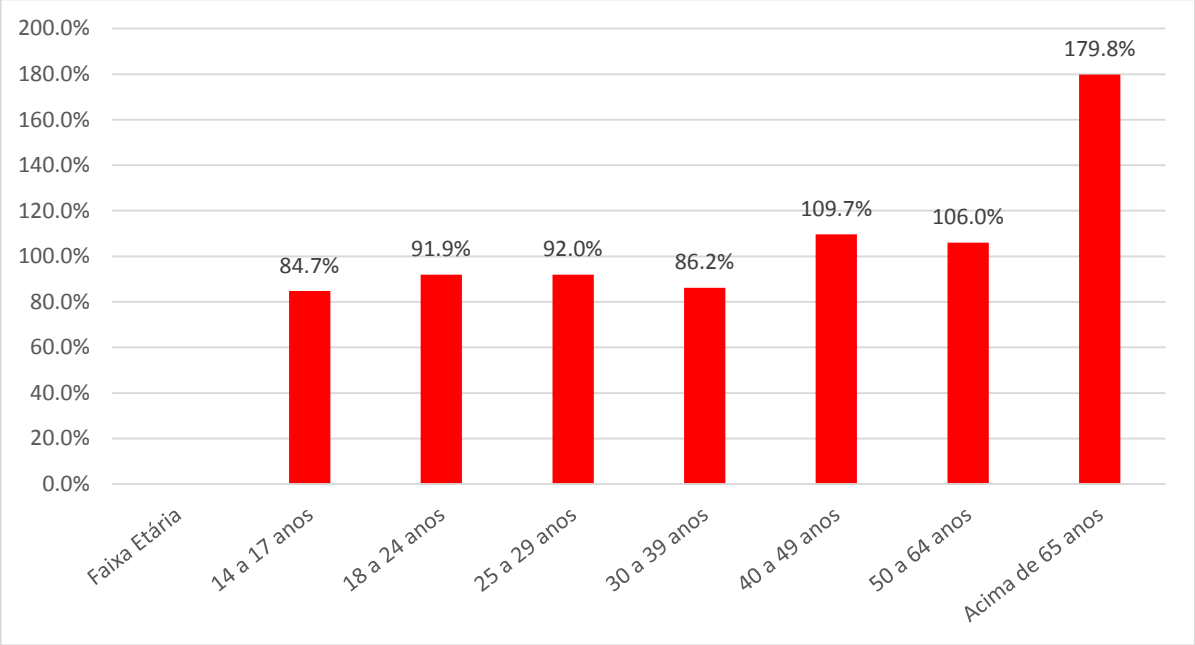
Gráfico 10 . Remuneração Relativa mulher/homem por setor – Ponta Porã -MS em dezembro de 2018



Fonte RAIS/CAGED. Elaboração Própria.

A remuneração relativa entre mulher e homem por setores na cidade de Ponta Porã, para o período analisado, verifica-se que, no total, as mulheres recebem quase a mesma remuneração que os homens (98,7%), porém quando analisado setor por setor, verificamos que há oscilações nestes percentuais, como se vê no setor de serviços industrias (45%). Porém, verifica-se também que, em alguns setores, as mulheres recebem remuneração igual à dos homens como no setor de extração mineral, e remunerações superiores, como nos setores de Construção Civil (114,8%) e Administração Pública (103,1%). Os maiores salários da cidade estão na administração pública R$2.978,53 para mulheres e R$2.890,18 para homens, como as mulheres são maioria na Administração pública, a média dos salários das mulheres é puxada para cima. O mesmo acontece com aquelas que vivem de aposentadoria oriundas do setor público, conforme o gráfico 11 a seguir.

Gráfico 11. Remuneração Relativa mulher/homem por faixa etária– Ponta Porã-MS em dezembro de 2018



Fonte RAIS/CAGED. Elaboração Própria.

No gráfico acima de remuneração relativa entre mulher e homem por faixa nos mostra que quantos maior a idade das mulheres, maior remuneração em relação aos homens, chegando a idade de 65 recebendo quase o dobro que homens.

5. CONSIDERAÇOES FINAIS

Este trabalho mostrou como foi a inserção da mulher no mercado de trabalho desde a primeira guerra mundial e quais foram a suas maiores dificuldades.

Sendo assim pode se concluir que as desigualdades de gênero são uma da maiores dificuldades sofridas por elas na inserção no mercado trabalho. A mulher é apresenta como um ser de natureza mais frágil, colocando elas destinadas como cuidadoras do lar e dos a fazeres doméstico.

Apesar das conquistas de direitos que elas tiveram no últimos anos, ainda assim são claras as diferenças entre homens e mulheres em diversos ramos da vida na sociedade.

No mercado de trabalho, a suposta natureza inferior afasta as mulheres de ocupações que exigem esforço e resistência físicos e mentais e as direciona para áreas próximas ao que a tese sexista defende, tais como serviços e educação. A possibilidade de afastamento por uma possível gravidez também acaba inibindo a expansão de muitas mulheres no mercado. Em consequência de toda essa formação social, a população feminina acaba também sendo bem menos incidente em cargos de destaque que os homens, evidenciando a discriminação de gênero na medida em que as reais diferenças sexuais em nada interferem na qualidade e no tipo de trabalho que uma pessoa pode desempenhar em determinados cargos de chefia.

No Brasil nos anos 2007 a 2016 cresceu o número de mulheres em cargos de direção, mesmo as mulheres estando mais presentes em cargos de liderança, a diferença salarial permanece, as mulheres, em média, ganham 67% da remuneração dos homens mesmo ocupando os mesmo cargos, a maior discriminação salarial está no setor de serviço e manutenção, elas recebem 52,8% dos salários dos homens . Quando analisamos o mercado formal percebemos que a participação feminina no mercado de trabalho, está mais no setor de serviços com (40,3%), segundo administração pública com (25,7%) e terceiro lugar o comercio (20,1).

No estado do Mato Grosso do Sul não é diferente de todo Brasil, verificamos que os homens são a maioria dos empregados em todas as faixa etária , em relação aos salários relativos por gênero e setor ,encontramos um ponto positivo no setor da construção civil, a mulher ganha (2%) a mais que os homens ,é um percentual pequeno mais que não deixa de ser um avanço.

A questão salarial também é uma das dificuldades que elas ainda enfrentam, podemos constatar que no munícipio de Ponta Porã elas conseguem ganhar mais que os homens, devido a maioria dos trabalhadores do setor público serem mulheres, o que acaba elevando o seu saldo salarial.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina:** a condição feminina e a violência simbólica. 11ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 2012.

BRUSCHINI, Cristina. A evolução da mulher no mercado de trabalho: uma abordagem sob a ótica da liderança. **Revista Borges**, v. 3, n. 1, p. 78, 2013.

CARVALHO, Débora Jucely. A conquista da cidadania feminina. **Revista multidisciplinar da UNIESP Saber Acadêmico**, n. 11, p. 143-153, 2011.

DICK, Thomas P.; RALLIS, Sharon F. Factors and influences on high school students' career choices. **Journal for Research in Mathematics Education**, v. 22, n. 4, p. 281-292, 1991.

DONNA, Noticia. **Mulheres ainda enfrentam resistência no mercado de trabalho diz estudo**, 11 Mar. 2011. Disponível em: <gauchazh.clicrbs.com.br>. Acesso em: 14 Ago. 2019.

FERNANDES, Mônica Aparecida. **A Inserção da Mulher no Mercado de Trabalho: Um Estudo sob a Perspectiva da Psicologia**, 2013. Disponível em: <https://www.pucpcaldas.br/graduacao/administracao/revista/artigos/v2013/Artigo01_2013.pdf>. Acesso em 25 Set. 2019.

FONTES DE SANTANA, Dinamares. **Discriminação da mulher e do direito do trabalho: da promoção à igualdade**, 13 Fev. 2012. Disponível em: <conteudojuridico.com.br>. Acesso em: 14 Ago. 2019.

HEFFEL, C, K, M; SILVA, V; LONDERO, J, C. **A Construção da Autonomia Feminina: O Empoderamento pelo Capital Social**. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/revistas/conages/trabalhos/TRABALHO_EV053_MD1_SA8_ID1895_11052016133624.pdf>. Acesso em 22 Set. 2019.

HERNANDEZ, Carmen Ozorio. A conquista da cidadania feminina. **Revista multidisciplinar da UNIESP Saber Acadêmico**, n.11, p. 148, 2011.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MATOS, I. B; TOASSI, R. F. C; OLIVEIRA, M. C. **Profissões e Ocupações de Saúde e o Processo de Feminização: Tendências e Implicações**. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/118035/000894801.pdf?sequence=1>. Acesso em 01 Ago. 2019.

MORAES, Adriana Zomer De; CRUZ, Tânia Mara. Estudantes de engenharia: entre o empoderamento e o binarismo de gênero. **Cadernos de Pesquisa.** São Paulo, v. 48, n. 168, p. 572-598, Junho de 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742018000200572&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 Nov. 2019.

PINTO, E, J, S; CARVALHO, M, E, P; RABAY, G. **Gênero: Um Fator Condicionante nas Escolhas de Cursos Superiores**. Disponível em: <https://paradoxzero.com/zero/redor/wp-content/uploads/2015/04/1893-4523-1-PB.pdf>. Acesso em 10 Ago. 2019.

PORSSE, Melody de Campos Soares et al. O papel da mulher na promoção e na expansão das capacitações na infância: o caso do Programa Primeira Infância Melhor (PIM) no Rio Grande do Sul. **Ensaios FEE**, v. 35, n. 1, 2014.

PROBST, Elisiana Renata; RAMOS, Paulo. A evolução da mulher no mercado de trabalho. **Santa Catarina: Instituto Catarinense de Pós-Graduação**, p. 1-8, 2003.

QUITETE, J. B; VARGENS, O. M. da C; PROGIANTI, J. M. **Uma Análise Reflexiva do Feminino das Profissões**. Disponível em: <http://www.here.abennacional.org.br/here/n2vol1ano1_artigo1.pdf>. Acesso em 20 Ago. 2019.

RIBEIRO, Jucélia Santos Bispo. Brincadeiras de meninas e de meninos: socialização, sexualidade e gênero entre crianças e a construção social das diferenças. **Cadernos Pagu**, n. 26, p. 145-168, 2006

SANTOS, Juliana Anacleto dos. Desigualdade Social e o Conceito de Gênero. **Universidade Federal de Juiz de Fora**, 2010.

SANTOS, S. M. de M; OLIVEIRA, L. Igualdade nas relações de gênero na sociedade do capital: limites, contradições e avanços. **Rev. Katál. Florianópolis**, v. 13, n. 1, p. 11-19, jan./jun. 2010.

SCHLICKMANN, Eugênia; PIZZARRO, Daniella. A evolução da mulher no mercado de trabalho: uma abordagem sob a ótica da liderança. **Revista Borges**, v. 3, n. 1, p. 70-89, 2013.

SEN, Amartya. O desenvolvimento como expansão de capacidades. **Lua Nova**, São Paulo , n. 28-29, p. 313-334, Abr. 1993.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como Liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.